

pg. 14

Se desbravar o universo da tecnologia já é um desafio para as mulheres atualmente, a realidade era ainda mais difícil há 40 anos. Para a recifense Patricia Florissi, que hoje atua como diretora técnica no OCTO do Google Cloud, entrar na área e conquistar esse espaço foi uma questão de sobrevivência. Filha única, Patrícia precisou realizar um teste vocacional aos nove anos por recomendação materna. "Eu queria ser engenheira civil, e a minha mãe achava que eu era um gênio da matemática. Mas, quando fiz o teste de vocação, o resultado deu que eu era mediana. A minha mãe ficou desesperada. Porém, o teste também apontou que eu era fora da curva em lógica. Foi aí que ela começou a perguntar o que uma pessoa boa em lógica faz", relatou Florissi.

Trajetória

*Após sete anos com o questionamento em mente, o irmão de uma amiga de Patricia disse a ela que mudou a vida da pernambucana: computação. **Naquele ano, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)***

começou a oferecer o curso de ciências da computação. O interesse pela área só surgiu por conta da recomendação. Isso porque, em 1974, a tecnologia ainda não estava inserida no cotidiano. Foi apenas dentro da universidade que Patricia teve acesso a um computador pessoal um dos primeiros do Brasil. "Eu nunca tinha visto um na minha vida. A gente precisava programar no papel. Só depois que passamos ter acesso à central de dados da UFPE. Nós sequer conseguíamos ver o programa. Eu tive o privilégio de acompanhá-la nessa evolução", destacou Patrícia.

Naquele período, o contato com a tecnologia era mais escasso e exigia uma série de cuidados. "Eu sou privilegiada porque estudei na primeira turma de Silvio Meira quando ele voltou do PhD, relatou. Após anos de estudo, a recifense imigrou para os Estados Unidos, país onde desenvolveu a maior parte da sua carreira. Foi lá onde ela aprendeu um dos ensinamentos essenciais em sua trajetória. "Um dia antes de uma reunião, perguntei ao meu chefe o que eu podia fazer para me preparar. Ele me pediu para levar o que eu tenho entre as minhas orelhas. Foi uma forma interessante de dizer para usar o cérebro", lembrou. A trajetória foi repleta de desafios que acabaram contribuindo para o desenvolvimento profissional de Patricia, lá com Phi), a cientista conquistou um cargo em uma startup americana. "A primeira coisa que eles me mandaram fazer foi testar um software. Eu testei aquele software exaustivamente. Depois de algumas semanas, meu chefe me pediu para dar um curso sobre o programa. Isso abriu diversas oportunidades para mim. Eu comecei a ter contato com os clientes e a viajar para dar esse curso", comentou Florissi.

Oportunidades

A profissional avalia ainda que o desempenho nos estudos garantiu um bom posicionamento profissional e até mesmo pessoal. "Tu gosto de estudar. Para mim, isso nunca foi uma obrigação, Quem eu sou hoje é um reflexo direto de to das as horas que estudei".

Entre as características que podem ajudar no desenvolvimento profissional, Florissi destaca a capacidade de resolução das adversidades. "O mais importante para as pessoas que estão começando agora é cultivar o desafio, É isso que eu desejo para cada menina, cada futura mulher, a possibilidade de explorar o mundo da tecnologia."

TECNOLOGIA e GAMES

11 de outubro de 2019 | 1ª edição | 100 páginas | R\$ 10,00

FOLHA de PERNAMBUCO



Patricia Florissi atua como diretora técnica no OCTO da Google Cloud

Da primeira turma da UFPE a cargo de liderança do Google

Trajetória

Após sete anos com o questionamento em mente, o irmão de sua amiga da Patricia deu a resposta que mudou a vida da pernambucana: computação. Naquele momento, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) começou a oferecer o curso de ciência da computação.

O latosses pela área só surgiu por conta da recomendação. Isso porque, em 1979, a tecnologia ainda não estava inserida no currículo. Foi apenas dentro da universidade que Patricia teve acesso a um computador pessoal - um dos primeiros do Brasil. "Eu meca tinha visto um na minha vida. A gente precisava programar no papel. Só depois que passamos ter acesso à central de dados da UFPE. Não sei sequer consularizar ver o programa. Eu tive o privilégio de ter acompanhado essa evolução", destaca Patricia.

Naquele período, o contato com a tecnologia era, mais escasso e mista: assim, a ideia de cidadania. "Eu sou privilegiada porque estudei na primeira turma de Silvio Meira quando ele voltou de Harvard".

Após anos de estudo, a referência passou para os Estados Unidos, país onde desenvolveu a maior parte da sua carreira. Foi lá onde ela aprendeu um dos ensinamentos essenciais em sua trajetória: "Uma das coisas de uma carreira, perguntar ao meu chefe o que eu

Com 40 anos de experiência no setor de tecnologia, a referência Patricia Florissi é inspiração para outras mulheres e relata sua trajetória profissional nos Estados Unidos

SIMBOLISMO
e deslaxava o universo da tecnologia já é um desafio para as mulheres atualmente, a realidade em ainda mais difícil há 40 anos. Para a referência Patricia Florissi, que hoje atua como diretora técnica no OCTO da Google Cloud, entrar na área e conquistar espaço foi uma questão de sobrevivência.

Filha única, Patricia precisou realizar um teste vocacional aos nove anos por recomendação materna. "Eu queria ser engenheira civil, e a minha mãe achava que eu era um gênio da matemática. Mas, quando fiz o teste de vocação, o resultado deu que eu era médica. A minha mãe ficou desapercebida. Porém, o teste também apontou que eu era fora da curva em lógica. Foi aí que eu me meti a perguntar o que uma pessoa boa em lógica faz", relata Florissi.

Após sete anos com o questionamento em mente, o irmão de sua amiga da Patricia deu a resposta que mudou a vida da pernambucana: computação. Naquele momento, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) começou a oferecer o curso de ciência da computação.

O latosses pela área só surgiu por conta da recomendação. Isso porque, em 1979, a tecnologia ainda não estava inserida no currículo. Foi apenas dentro da universidade que Patricia teve acesso a um computador pessoal - um dos primeiros do Brasil. "Eu meca tinha visto um na minha vida. A gente precisava programar no papel. Só depois que passamos ter acesso à central de dados da UFPE. Não sei sequer consularizar ver o programa. Eu tive o privilégio de ter acompanhado essa evolução", destaca Patricia.

Naquele período, o contato com a tecnologia era, mais escasso e mista: assim, a ideia de cidadania. "Eu sou privilegiada porque estudei na primeira turma de Silvio Meira quando ele voltou de Harvard".

Após anos de estudo, a referência passou para os Estados Unidos, país onde desenvolveu a maior parte da sua carreira. Foi lá onde ela aprendeu um dos ensinamentos essenciais em sua trajetória: "Uma das coisas de uma carreira, perguntar ao meu chefe o que eu

podia fazer para me preparar. Ele me pediu para levar o que eu tinha entre as minhas creanças. Foi uma forma interessante de dizer para sair o cidadão", lembrou.

A trajetória foi repleta de desafios que acabaram contribuindo para o desenvolvimento profissional de Patricia. Já em 1983, a cientista conquistou um cargo em uma startup americana.

"A primeira coisa que eles me mandaram fazer foi criar um software. Eu tinha aquele software exclusivamente. Depois de algumas semanas, meu chefe me pediu para dar um curso sobre o programa. Isso abriu diversas oportunidades para mim. Eu comecei a ter contatos com os clientes e a viajar para dar esse curso", comentou Florissi.

Oportunidades
A profissional avalia ainda que o desempenho nos estudos garantiu um bom posicionamento profissional e até mesmo pessoal. "Tu gosto de estudar. Para mim, isso nunca foi uma obrigação. Quem eu sou hoje é um reflexo direto de todas as horas que estudei".

Entre as características que podem ajudar no desenvolvimento profissional, Florissi destaca a capacidade de resolução das adversidades. "O mais importante para as pessoas que estão começando agora é cultivar o desafio. É isso que eu desejo para cada menina, cada futura mulher, a possibilidade de explorar o mundo da tecnologia."

Subtítulo: Com 40 anos de experiência no setor de tecnologia, a recifense Patrícia Florissi é inspiração para outras mulheres e relata sua trajetória profissional nos Estados Unidos.